

## 22- Intersemiose música-imagem na arte contemporânea: dispositivos para experiências musicoterapêuticas no século XXI - Lilian Engelmann Coelho/SP<sup>1</sup>

### RESUMO

Este workshop parte da relação interdisciplinar musicoterapia e arteterapia. Enfoca a intersemiose música-imagem, apontando a sua potência enquanto consolidação da sinestesia e, ao mesmo tempo, a sua problemática enquanto fluxo do capital rizomático. Apresenta, em forma de experiência vivencial, algumas possibilidades clínicas da arte contemporânea, acionando a escuta-imagem como um possível dispositivo musicoterapêutico do século XXI.

Palavras-chave: música-imagem – arte contemporânea – musicoterapia

### ABSTRACT

This workshop starts on the interdisciplinary relationship between music therapy and art therapy. It focuses on the intersemiotics relationship music-image, pointing out its power as a synesthesia consolidator and, at the same time, its problematic as a rhizomatic capital flow. It shows, in the form of a living experience, some clinical possibilities of the contemporary art, setting the listening-image as a possible the music therapy device for the XXI century.

Keywords: music-image – contemporary art – music therapy

### INTRODUÇÃO

A condição híbrida da musicoterapia desencadeada pela sociedade contemporânea (Chagas; Pedro, 2008) possui um denso volume de processos interdisciplinares com as áreas da saúde e da música. Esse volume diminui de maneira expressiva quando nos aproximamos das artes visuais, uma vez que o motor propulsor da musicoterapia é a música. Entretanto, quando as artes visuais se tornam dispositivo clínico da arteterapia, estreita-se a vizinha com a musicoterapia, posto que ambas se efetuam na potência clínica da arte.

Nessa zona intermediária – entre a música e a imagem – é possível imprimir uma transversalidade (Coelho; Leite, 2006) que gera inversão sgnica: o som se torna espaço quando atravessado pela imagem e a imagem se torna tempo na transversal sonora. Neste contexto, os dois objetos se desprendem da estrutura disciplinar (a música da musicoterapia e a imagem da arteterapia<sup>2</sup>) e entram numa região fronteiriça, possibilitando: uma escuta da imagem e uma imagem da escuta, isto é, uma região entre a musicoterapia e a arteterapia que aumenta a potência de ambas.

### Intersemiose música-imagem

A separação do dispositivo clínico da musicoterapia e da arteterapia foi herdada pelas características da arte na sociedade ocidental moderna, de tradição escrita (lembrando que na sociedade de tradição oral os signos se dão por passagens de intersemiose, e não por separação). Entretanto, é também na condição de disjunção que vários engates foram efetuados.

Aqui, de maneira excessivamente sucinta, trazemos Caznok (2003), que, ao mapear de forma densa e histórica os vários encontros entre o audível e o visual, relata que desde a Antiguidade, eles foram aglutinados por analogia, representação e conceitos estéticos.

Pelo viés da percepção, embora o olhar e o ouvir tenham se tornado territórios específicos, sempre foram desterritorializados pela força multissensorial da integração dos sentidos. Leibniz (1646-1716) já considerava que não era possível distinguir os sentidos porque eles se misturavam em pequenas percepções (Gil, 1996).

Embora as separações tenham sido intensas a ponto de se criar duas áreas autônomas, tentativas de engates perpassam toda a modernidade e, no século XX, avolumam-se de tal forma que pudemos ver a música na pintura de Paul Klee (Duchting, 2004) e a pintura na música de Arnold Schonberg (Verlag, 2002).

Mas é na sociedade pós-moderna<sup>3</sup> que as frágeis fronteiras por diferenciação de suportes (som-música, imagem-pintura-plástica-escultura-cinema, corpo-dança, palavra-poesia-literatura) tornam-se espaço-tempo de misturas, uma vez que “quando se trata de linguagens existentes, manifestas, a constatação imediata é a de que todas as linguagens, uma vez corporificadas, são híbridas” (Santaella, 2001, p. 379).

É no deslocamento híbrido das linguagens que se efetua a intersemiose: um lugar-instante onde se cruzam vários signos que geram novas qualidades. Estas, convocam a alquimia dos sentidos, que consolidou a sinestesia, transmutação de impressões entre os sentidos. Neste contexto, optamos pela grafia música-imagem na tentativa de representar parte deste hibridismo.

Para efetuarmos processos intersemióticos derivados da experiência da parte prática deste workshop, dialogaremos com as Matrizes da linguagem e pensamento – sonora, visual e verbal, de Santaella (2001)

### Intersemiose na vida capital

Mas toda essa flexibilidade e fluidez alcançada na contemporaneidade<sup>4</sup> (que se sustenta no avanço da ciência, da globalização, do choque cultural e da tecnologia) tem sua ironia, a de deslizar pelo capital rizomático (Pelbart, 2003, p. 96).

<sup>3</sup> Pós-moderno é um termo que surgiu na década de 1930 e depois se consolidou como conceito na obra do filósofo francês Jean-François Lyotard, “A condição pós-moderna” (1979). Entre os vários pensadores da pós-modernidade, ressoaremos com Bauman que coloca como pós-modernidade “o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo (ou antes, viver nessa época delimita o que vemos como “nossa parte do mundo)” (1998, p.30).

<sup>4</sup> Anteriormente articulamos o par sociedade moderna e pós-moderna para evidenciarmos uma temporalidade histórica. Agora, como vamos articular alguns elementos mais específicos, usaremos o termo sociedade contemporânea que possui maior generalização.

<sup>1</sup> Musicoterapeuta, mestre em comunicação e semiótica (PUC-SP), professora da FPA (Faculdade Paulista de Artes). E-mail: liliancoelho@terra.com.br.

<sup>2</sup> Desde 1996 dialogo com a arteterapia e, em específico com o artista plástico arteterapeuta Sandro Leite. Estudamos e criamos processos de experimentações de intersemioses música-imagem desterritorializando as nossas tendências disciplinares.

Um rizoma capital conexcionista, que prioriza o máximo de informação e de navegabilidade, favorece as múltiplas interfaces, conecta e desconecta signos perceptivos para sempre ter um "novo" vendável. E vai além, captura o sensível da criatividade humana (é preciso ter soluções criativas a todo instante) e seus afetos (a intimidade do cotidiano está exposta em todos os espaços em imagem de tempo real). As imagens e sonoridades secretas da vida estão expostas na rede capital.

No conexionismo, o tempo, que perde a intensidade das durações e se fixa na concentração do tempo presente e na aceleração para um eterno progresso, se extingue – não temos mais tempo para nada.

Vivemos num tempo plasmado num presente vazio (Matos, 2009), carente de recordação e pontuado pelo instante. O espaço saturado por conexões interrompidas e o tempo vazio suspendem a experiência. Dito de outra forma, não temos mais tempo e nem espaço de experiência.

Retomando a relação música-imagem, se por um lado consolidamos a sinestesia, por outro perdemos a experiência que se funda no tempo-espaço. O sucateamento das músicas-imagens que antes eram de máquinas (as indústrias) agora são "máquinas de música-imagem" (televisão, computador, internet, ipod) que geram ouvintes da sociedade do espetáculo, num tempo vazio de experiência.

A partir desse dilema se faz necessário pensar como a arte, ainda, pode produzir potência clínica. E, como essa pode revigorar as práticas musicoterapêuticas numa sociedade contemporânea?

Na territorialidade da musicoterapia, os processos onde a música desencadeia imagens possuem uma consistente fundamentação e uma densa elaboração prática (Barcellos, 1999; Frohne-Hagemann, 2007; Verdeau-Paillés, 1981; Shapira, 2007; Wingran e Grocke, 2007).

Entretanto, aqui, a partir da dobra interdisciplinar<sup>5</sup> efetuiremos uma inversão: a imagem como dispositivo para sonoridades e música em musicoterapia. Esse processo diminui a velocidade intersemiótica música-imagem e pode ser um possível dispositivo para tempo de experiência.

Como a imagem, tal qual a música, é um termo muito abrangente, consideramos: foto, quadro, objeto, escultura, instalações e vídeos sendo que na parte prática deste workshop será experimentada imagens por fotos e quadros.

Quanto aos signos das imagens, enfocaremos as produções da chamada arte contemporânea<sup>6</sup> que, embora aqui não nos seja possível discutir com detalhes seu alcance estético-político, suas ressonâncias com o tempo vazio da não experiência, podem gerar manobras para vivificar as experiências (Coelho; Leite, 2006). Vejamos algumas delas:

<sup>5</sup> A imagem como dispositivo para musicoterapia é estudada e vivenciada com práticas clínicas (individuais e grupais) em conjunto com o artista plástico e arteterapeuta Sandro Leite.

<sup>6</sup> Ver também, "O significado da arte e a arte do significado" in O mal-estar da modernidade (1998, p. 131-141).

- a) Crise da representação (não tem "algo" oculto), não se pretende "estar no lugar de", somente efetua-se por apresentação e não contesta o valor da representação;
- b) Não há regra a priori para composição e análise (Ferraz, 2005). Cada obra cria regras facultativas em torno de si que só aparecem no fim da criação. Assim, elas estão perpetuamente se fazendo (um exercício constante de singularidade)
- c) Efetiva-se no fluxo dos sentidos. Portanto, dá sentido a algo que não é significativo;
- d) Não privilegia o objeto e cria o próprio espaço;
- e) Prima pela experiência – uma ação no escuro, um risco.

Embora esse pequeno esquema seja insuficiente para uma discussão mais ampla, o engate com parte prática nos possibilitará intersemioses de escuta-imagem num tempo-espaço que talvez se torne experiência musicoterapêutica.

#### Atividade vivencial

Quanto à especificação da parte prática, serão vivenciados

- a) Processos intersemióticos música-imagem articulados com as três matrizes da linguagem e do pensamento (enfocando-se transformações sógnicas por aceleração, desaceleração e gestualidade)
- b) Fragmentos de potência clínica música-imagem perpassados por signos da arte contemporânea.

Encerraremos articulando a parte teórica com as experiências vivenciadas e, aqui, não cabe conclusão, uma vez que a experiência é aberta e se dará na composição do encontro.

#### REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Lia Rejane. Transferência, contratransferência e resistência no método de "imagens guiadas e música" – GIM In: BARCELLOS Lia Rejane (Org.) Musicoterapia transferência, contratransferência e resistência Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- CAZNOK, Y. Borges. Música entre o audível e o visível São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- CHAGAS, Marly; PEDRO, Rosa. Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem. Rio de Janeiro: Mauad X Bapera Editora, 2008.
- COELHO, Lílian; LEITE, Sandro. Experienciações sonoro-imagéticas e clínica contemporânea. Revista Científica de Arteterapia Cores da Vida Associação Brasil Central de Arteterapia, GO, v. 3, ago./out. 2006, p. 26-33.
- COELHO, Lílian M. E.; LEITE, Sandro. Music-Image as a dispositive of transversality at the contemporaneous group clinic. Anais do 16º Congresso Internacional de Psicoterapia de Grupo. São Paulo, 2006.
- DÜCHTING, Hajo. Paul Klee, painting music. New York: Prestel Publishing Ltd, 2004.
- FERRAZ, Sílvio. Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição] Rio de Janeiro: 7 letras, 2005.
- FROHNE-HAGEMANN, Isabelle. Receptive music therapy: theory and practice

Germany: Zeitpunktmusik, 2007

GIL, J. A imagem-nua e as percepções: estética e metafenomenologia. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

MATOS, Olgári. Tempo sem experiência. Programa Invenção do contemporâneo, CPFL TV Cultura. Disponível em <http://www.cpfcultura.com.br/evento/tv-cultura/08-06-09/tempo-sem-experiencia-olgaria-matos>. Acesso em 01 de julho de 2009.

PELBART, Peter Pál. Vida capital: ensaios de biopolíticas. São Paulo: Iluminuras, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual e verbal – aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SHAPIRA, Diego. Musicoterapia abordaje plurimodal: Argentina, ADIM Ediciones, 2007.

VERDEAU-PAILLÉS J. Le bilan psycho-musical. Coulay: Jm Fuzeau S.A., 1981.

VERLAG, Hatje Cartz. The visions of Arnold Schönberg – the painting years. New York: Art Published, 2002.

WIGRAM, T.; GROCKE, D. Receptive methods in music therapy: techniques and clinical applicatins for music therapy clinicians, educators and etudents. UK: Jessica Kingsley Publishers, 2007

### 23- Sobre A Técnica Provocativa Musical em Musicoterapia. Lia Rejane Mendes Barcellos/RJ<sup>1</sup>

Este trabalho tem por objetivo apresentar um caminho que utilizei na minha prática musicoterápica desde a década de 70. Inicialmente empregada com autistas, e posteriormente com outros tipos de pacientes, esta nova técnica foi denominada provocativa musical e se fundamenta na completude, um dos princípios subsidiários da lei da Prägnanz, que se refere às relações figura-fundo, da psicologia da Gestalt, e que estuda aspectos do campo da percepção visual que foram transpostos para a audição por Leonard Meyer em 1956. Esta lei postula que “a organização psicológica será sempre tão boa quanto o permitam as condições prevaletentes” e o princípio da completude se refere à mente que “governada pela ‘lei da totalidade’, está continuamente lutando por estabilidade, repouso e completude de um objeto que esteja fisicamente incompleto e relaciona-se a padrões ou sons que se tornam estabelecidos como mais ou menos fixos em um trabalho particular”. Considerando-se que pacientes estão inseridos na cultura – família, escola e exposição à mídia –, o que se pretende com esta técnica é provocar o paciente a completar o que ficou em aberto para facilitar a comunicação e interação sonoro/musical com o musicoterapeuta, possibilitar o estabelecimento do vínculo terapêutico e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento do processo musicoterápico. Entende-se, ainda, que esta técnica pode contribuir para que novas conexões neurais possam ser estabelecidas e que se faz eficaz no resgate de memória em pacientes com problemas neurológicos. Situações clínicas, áudio e partitura, ilustrarão, na apresentação oral, a utilização da técnica provocativa musical pelo musicoterapeuta, e a ‘completude’ rítmica, melódica e harmônica por vários tipos de pacientes.

Palavras-chave: técnica provocativa musical; completude; clínica musicoterápica.

About the Provocative Musical Technique in Music Therapy

Lia Rejane Mendes Barcellos

This paper aims to present a pathway which was tread by this authoress along her practice in the music therapy clinic since the 1970's. Initially employed with the autistic, later with other sorts of patients, this new technique was dubbed provocative musical technique and is based upon the “completeness” (Prägnanz), one of the subsidiary principles to the “Law of Totality”. This law refers to the Gestalt relationship figure/background and studies such aspects in the field of visual perception that were

<sup>1</sup> Doutora em Música (UNIRIO); Mestre em Musicologia (CBM); Graduada em Piano e Musicoterapia. Musicoterapeuta clínica. Professora de Musicoterapia no Curso de Graduação de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música, CBM – CEU; Coordenadora e Professora do Curso de Pós-graduação em Musicoterapia – CBM – CEU. Coordenadora da “Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco”; Professora dos Cursos de Pós-graduação em Musicoterapia da Escola Superior de Ciências da Saúde – (ESCS), Brasília (DF) e da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, Pernambuco. Editora da Revista Pesquisa em Música e Editora para a América do Sul da Revista Eletrônica Voices. Email: liarejane@gmail.com